

Índice

Uma Viagem à Índia (2003-2010)	
Canto I	15
Canto II	61
Canto III	111
Canto IV	163
Canto V	205
Canto VI	247
Canto VII	293
Canto VIII	335
Canto IX	379
Canto X	419
Melancolia contemporânea (um itinerário)	479
 Posfácio: Uma Viagem no Coração do Caos	 501

Uma Viagem à Índia
(2003-2010)

*Este livro é dedicado a
Eduardo Prado Coelho*

Já se ia o Sol ardente recolhendo

Luís de Camões

Canto I

1

Não falaremos do rochedo sagrado
onde a cidade de Jerusalém foi construída,
nem da pedra mais respeitada da Antiga Grécia
situada em Delfos, no monte Parnaso,
esse Omphalus — umbigo do mundo —
para onde deves dirigir o olhar,
por vezes os passos,
sempre o pensamento.

2

Não falaremos do Três Vezes Hermes
nem do modo como em ouro se transforma
o que não tem valor
— apenas devido à paciência,
à crença e às falsas narrativas.
Falaremos de Bloom
e da sua viagem à Índia.
Um homem que partiu de Lisboa.

3

Não falaremos de heróis que se perderam
em labirintos
nem na demanda do Santo Graal.
(Não se trata aqui de encontrar a imortalidade
mas de dar um certo valor ao que é mortal.)
Não se abrirá uma cova para encontrar o centro do mundo,

nem se procurará em grutas
nem em caminhos da floresta
as visões que os Índios idolatravam.

4

Não se trata aqui de fazer um jejum
no alto da montanha sagrada
para que a fraqueza e os ares elevados
possibilitem tremores e doenças benignas.
Trata-se simplesmente de constatar
como a razão ainda permite
algumas viagens longas.
Falaremos de Bloom.

5

Não iremos admirar de perto o Vesúvio,
nem deitaremos animais
para a cratera de modo a acalmar os elementos.
Não mataremos pela água da juventude eterna,
nem amaldiçoaremos nomes
atirando tábuas com letras malditas
às águas de Bath, em Inglaterra.
Não falaremos das grandes Pirâmides de Gizé,
das suas múltiplas passagens secretas
que permitem a entrada ou a fuga dos homens.

6

Não falaremos das ruínas de Stonehenge
ou de Avebury,
nem dos alinhamentos demasiado exactos de pedras
na Ilha de Lewis.
Não falaremos desses milagres deixados
um pouco por todo o mundo,
dessas cartas em pedra que os antigos nos enviaram.
Falaremos de um homem, Bloom,
e da sua viagem no início do século XXI.

7

Não falaremos dos terríveis acontecimentos naturais
da história do mundo.
Terramotos e maremotos, ciclones no Bangladesh,
tufões nas Caraíbas
— o mundo abana e sofre de incêndios e inundações
desde Noé, pelo menos.
Não falaremos da Pedra Negra em Meca
e das sete voltas que essa pedra exige
que um crente dê em redor da praça.
Falaremos de Bloom e da sua viagem
de Lisboa à Índia.

8

Não falaremos da cidade inca de Machu Picchu
não falaremos das grutas de Lascaux,

nem dos seus desenhos acriançados,
ameaçadores e sérios.
Não falaremos dos cavalos chineses
nem dos seres mitológicos das rochas
em Ontário.
Falaremos de Bloom. E da sua viagem à Índia.

9

Não falaremos do aparecimento súbito
de anões em certas grutas do México,
nem dos penhascos no Colorado
onde dentro da pedra se construíram casas.
Não falaremos de mesas de pé-de-galo
e das periódicas visitas do Além às casas
de cidadãos racionais.
Falaremos de uma viagem à Índia.
E do seu herói, Bloom.

10

Falaremos da hostilidade que Bloom,
o nosso herói,
revelou em relação ao passado,
levantando-se e partindo de Lisboa
numa viagem à Índia, em que procurou sabedoria
e esquecimento.
E falaremos do modo como na viagem
levou um segredo e o trouxe, depois, quase intacto.

11

É indispensável tornar conhecidas acções terrestres
com o comprimento do mundo e a altura do céu,
mas é importante também falar do que não é assim
tão longo ou alto.

É certo que os Gregos tentaram aperfeiçoar
tanto a Verdade quanto o gesto,
porém as ideias foram de longe as coisas mais mudadas.
Eis pois o momento de colocar a Grécia
de cabeça para baixo
e de lhe esvaziar os bolsos, caro Bloom.

12

Cuidado com os homens que partem com vontade
e felizes: na primeira acção, se necessário,
serão capazes de matar.

Cuidado, pois, Bloom, com a tua vontade.
(Mas preocupa-te também, nesta viagem,
com o modo como fazes as coisas.)
Porém Bloom não parte de Lisboa feliz, o que já não é mau.

13

Mas atentemos nesta outra história (uma parábola?).
Da multidão sai um homem
que corre em direcção
a uma linha imaginária.
Esse homem não está louco;

a multidão, sim, está louca.
O homem corre até encontrar um esgrimista,

14

oferecem-lhe uma espada, ele combate e vence.
Tem agora pressa, um morto atrás de si
e na sua cabeça uma linha imaginária
para a qual se deve dirigir.
Sabe que deve correr sempre, sem parar,
mas não o suficiente para alcançar o objectivo.
Eis a história — acabou.

15

Mas a natureza também aparece, e muito,
nesta viagem.
O vento, por exemplo, que poderá parecer
elemento neutro,
que distribui os ligeiros incómodos por ricos
e pobres,
mas na verdade é apenas hábil:
nos fracos provoca frio e nos fortes é leve brisa que
acalma o calor excessivo.

16

Aos palácios chega pela ventoinha domesticada,
enquanto sobre casas frágeis

se abate robusto como tempestade.
O vento (de certos países)
maltrata a cabeça de quem acabou de cair e
massaja os pezinhos de quem está no topo.
O vento, meu caro Bloom, não é um elemento da natureza
em que possas confiar.

17

De resto, se uma cara tem duas metades
— uma bela, outra medrosa —,
os inimigos só vêem o medo,
e os amantes, o belo.
São no fundo duas cegueiras
particulares,
especializações que surgem (espontâneas)
em certos instantes.

18

É verdade que os teus antepassados
(falamos contigo, Bloom)
não construíram montanhas,
porém mataram muito, e alguns contaram histórias
que ainda hoje sobrevivem. Porque, de resto, bem se sabe
que enquanto se tem medo ou coragem bastante
não há fins-de-semana nem banquetes
demorados. Para certos antepassados valorosos
nem um fim-de-semana existiu.